

A close-up portrait of Michel Blois, a man with dark hair and a full grey beard, wearing a black ruffled collar. The background is dark and moody.

Yellow.
Special
Interview

Michel Blois

Arte • Cinema • Cultura • Música

carta^{do} editor

Michel Blois passou a infância na mesma rua onde eu morei durante a faculdade.

Eu descobri isso quando estávamos começando a entrevista. Tinha comentado que sabia que ele era do Rio Grande do Sul, e ele perguntou se eu também era. Quando contei que havia morado na Praia do Cassino durante a FURG, chegamos à rua Maria Araújo. Ele viveu ali na infância. Eu morei anos depois, durante a faculdade.

A conversa ficou por alguns minutos nesse lugar, entre a casa onde ele viveu, os meses passados entre a cidade e o Cassino e aquele frio úmido que fica na memória de quem conhece a praia.

O ator contou que o Cassino foi uma das épocas mais felizes de sua vida, ligada à saída de casa e às primeiras descobertas. A lembrança daquele período apareceu com carinho, como uma parte importante de sua história que permanece presente mesmo depois de tantos anos longe dali.

A entrevista começou assim, por uma rua que nós dois conhecemos em momentos diferentes. Depois, seguimos para outros assuntos, outras lembranças e outras partes de sua trajetória.

Para fechar setembro, fica essa conversa.

Boa leitura!

Carlos Mossmann
EDITOR CHEFE
Yellow Magazine

YELLOWMAGAZINE

para almas sensíveis e mentes inquietas

MICHEL



Uma conversa sobre o que acontece quando escolher deixa de ser uma possibilidade e passa a ser uma forma de conduzir a própria vida.

texto por **CARLOS MOSSMANN**

fotografia por **GABI SOUZA** agenciamento por **MERAT ag.**

Michel não separa com facilidade o ator do homem que existe fora do trabalho. Gaúcho, homem gay e morador do Rio de Janeiro há mais de duas décadas, ele construiu a própria trajetória entre o teatro, o deslocamento e a descoberta de outras possibilidades para a vida. Quando perguntado sobre quem é quando não está trabalhando, responde sem fazer muita distinção entre personagem e pessoa: “É muito difícil pensar em separar o artista do meu CPF.”

Aos 20 anos, deixou o Rio Grande do Sul para fazer teatro no Rio de Janeiro. Antes disso, já havia recebido dos pais o incentivo para sair da cidade e conhecer outras realidades. Os três filhos foram criados com essa ideia: experimentar o mundo e, se quisessem, voltar.

A escola foi uma experiência bem diferente. Durante boa parte da infância e da adolescência, estudou em um colégio de padres, que descreve como rígido e conservador. Como menino gay, conviveu

com chacotas, agressões e pouco espaço para falar sobre o que vivia. O relato encontra eco em uma realidade que ainda atinge estudantes LGBTQIAPN+: uma pesquisa nacional realizada em 2024 apontou que 90% dos entrevistados desse grupo haviam sofrido algum tipo de agressão verbal naquele ano, enquanto 34% relataram agressão física.

Para o ator, a mudança para uma escola de freiras alterou completamente aquele cenário. “Minha cabeça abriu completamente.” Ali encontrou aulas de teatro, um auditório, peças, professores mais dispostos à conversa e uma rotina menos rígida. Foi nesse ambiente que o estudo e a arte passaram a ocupar outro lugar em sua vida. “Realmente abriu um mundo de estudo, de arte.”

O Rio Grande do Sul continua muito presente em sua memória. Entre as lembranças mais fortes está o período vivido no Cassino, que considera uma das épocas mais felizes de sua vida, associada à saída de casa e às primeiras descobertas da vida adulta. A saudade permanece.





Quando chegou ao Rio, estava descobrindo muitas coisas ao mesmo tempo. O teatro, a cidade e a experiência de viver como homem gay em outro lugar. No início da formação, chegou a criar uma persona para ocupar aquele espaço. *“Era essa persona que performava aqui. E aos poucos eu fui encontrando de volta esse caminho.”*

Hoje, uma das pessoas que mais despertam sua curiosidade é **Hilton Cobra**, colega de elenco na novela. Os dois passam boa parte do tempo no camarim conversando sobre teatro, arte e referências. *“O meu jornal diário tem sido o Hilton Cobra.”*

Aos poucos, a forma de escolher os trabalhos também mudou. Quando começou, queria conhecer pessoas, acompanhar companhias e estar perto do movimento teatral. Hoje, procura textos, grupos e pessoas com os quais realmente queira trabalhar. *“Ao invés de eu querer consumir tudo, eu passei a ter a minha escolha. De falar: não, eu quero estar aqui. Daí eu corro atrás do que eu quero.”*

A escolha também passou a orientar amizades e relações. *“Essa chavinha da escolha faz uma diferença enorme.”*

Em **A Nobreza do Amor**, essa postura encontra um personagem bastante distante de seus próprios valores. **Mr. Campbell** é, para Michel, um vilão que não deve ser suavizado.

**“O MR. CAMPBELL
É UM VILÃO. E EU
NÃO GOSTARIA
DE FUGIR DA
VILANIA.”**







O personagem representa o branco colonizador, explorador e agressivo. O desafio, para o ator, está em compreender a lógica de alguém assim sem transformar essa compreensão em justificativa. Campbell não oprime todas as pessoas da mesma maneira. Quem lhe interessa recebe atenção e cordialidade. Quem ocupa uma posição de dependência pode ser tratado como inferior. *“O que eu tento com o Mr. Campbell é entender quem é que ele dá valor e quem ele oprime.”*

A principal referência para essa construção veio de figuras contemporâneas ligadas ao poder. Michel cita Donald Trump e pensa em comportamentos como expansão, agressividade, exploração do trabalho e transferência de responsabilidade para terceiros. Dentro da novela, Campbell é o único personagem branco naquele contexto africano, e o ator entende que a branquitude e o poder colonial estão concentrados nele.

Entre os trabalhos mais recentes está **90 Decibéis**, que chega hoje à **Globo** pela *Tela Quente*. Dirigido por **Fellipe Barbosa** e escrito por **Julia Spadaccini**, o longa acompanha Ana, uma advogada interpretada por **Benedita Casé Zerbini**, que descobre que sua perda auditiva irá progredir até a surdez profunda. Michel interpreta um médico na história.

Outros personagens permaneceram por razões diferentes. Lily Gay, de **O Médico Monstro**, ficou na memória pelo humor e por uma experiência mais próxima do universo drag. Leopoldo, de **Além da Ilusão**, demorou mais a ser deixado para trás.

O personagem tinha uma carreira bem-sucedida, mas uma vida pessoal marcada pela opressão de sua sexualidade. Michel faz questão de separar as duas histórias: não viveu a mesma situação, mas reconheceu naquele sofrimento uma dinâmica que conhecia.

A identificação passou também pelo deslocamento. Ele havia deixado o Rio Grande do Sul para fazer teatro e viver sua

sexualidade. Ao falar sobre Leopoldo, relaciona essa experiência à de tantas pessoas gays que precisam deixar seus lugares de origem para reconstruir a própria vida.

Quando recebe um personagem, a investigação começa pelo que está escrito. *“Eu sou muito textocêntrico. Eu amo texto.”*

A pontuação, a construção das frases, as reticências, as palavras escolhidas e a forma como um personagem se refere aos outros fazem parte desse trabalho. Antes de procurar respostas fora da dramaturgia, ele procura esgotar o que o autor colocou na página. *“Fico tentando achar essa psique do autor.”*

Uma palavra pode alterar uma relação. Uma vírgula pode sugerir uma cadência. A escolha de uma expressão pode indicar como determinada cena foi imaginada. *“Amo esse trabalho de tentar a vida que há dentro da palavra.”*

Essa disposição para fazer também está na origem de sua trajetória. Ao chegar ao Rio, a primeira peça que realizou foi escrita, dirigida, produzida e interpretada por ele. Sem uma estrutura pronta, assumiu as funções necessárias para colocar o projeto em pé.

A prática vinha da escola. Nas aulas de inglês com teatro, escrevia e fazia adaptações com uma amiga chamada Ana Elisa. Entre as brincadeiras estavam versões de *O Rei do Gado*, do *Jornal Nacional* e ideias que podiam virar um curta-metragem de uma hora para outra. *“Sou da ação.”*

Na produção teatral, essa postura aparecia até nas planilhas. Os valores ficavam abertos para quem quisesse consultar. *“Não quero nada que não é meu.”*

Para ele, fazer arte envolve trabalho, responsabilidade e disposição para colocar a mão na massa. *“Sou operário da arte.”* É justamente por isso que a relação com as redes sociais lhe causa desconforto. O ator não se incomoda com influenciadores ocupando espaços na atuação. O que rejeita é a expectativa de que ele também precise assumir essa função para continuar trabalhando. *“Eu sou ator, mas eu não sou influencer.”*







Não tem interesse em acompanhar tendências, produzir dancinhas ou transformar a rotina pessoal em conteúdo. Quando o assunto é sua profissão, a disponibilidade é outra: bastidores, fotografias, pensamentos sobre um trabalho, divulgação de uma produção. A vida privada fica de fora. *“Eu gostaria que o mundo não me exigisse essa condição, porque essa condição é um trabalho também.”*

Michel administra as próprias redes e responde diretamente a quem comenta ou manda mensagens. Não pretende transformar seu perfil em espetáculo nem contratar uma estrutura para fabricar uma presença permanente na internet.

A crítica se estende ao modo como as discussões acontecem nas redes. Ele reconhece que hoje existe mais liberdade para as pessoas expressarem suas opiniões, mas se incomoda com a repetição e a falta de aprofundamento. *“Raramente você vê uma boa discussão na internet.”* O que o cansa é encontrar dezenas de pessoas reproduzindo a mesma informação sem acrescentar outra camada à conversa.

Quando fala sobre quem está começando na profissão, o conselho também passa longe do glamour. *“A maioria das pessoas vão estar o tempo todo brigando pra existir.”* Estudar é essencial, mas ele também fala da instabilidade, dos projetos que não saem do papel, dos editais, das instituições e dos períodos sem trabalho. Para atravessar esses momentos, recomenda terapia, bons amigos e grupos de convivência. *“Forme grupos.”* Não necessariamente para produzir. Para conversar, trocar experiências e descobrir que determinadas dificuldades não são exclusivas de quem está passando por elas.

Fora da carreira, há dois desejos que aparecem com clareza. Um deles é ter um sítio, com mato, água, espaço para plantar e mexer na terra. Michel sabe que é uma pessoa urbana e não imagina abandonar completamente a cidade. Quer um lugar que seja seu, onde possa se afastar por algum tempo. O outro é ter um filho. *“É poder botar alguém num mundo que seja muito melhor do que eu.”*

Quando precisa escolher uma palavra para falar de si depois de tantos anos sendo visto através dos personagens, escolhe justiça. Para ele, esse senso de justiça está ligado à intensidade com que se posiciona e à disposição para assumir as consequências do que diz. Reconhece que pode errar e voltar atrás. *“Eu me posiciono e eu seguro a onda. Eu sei por que eu me posicionei.”* E completa:

***“É ÓBVIO QUE EU NÃO
TÔ CERTO SEMPRE.
MAS EU SEI VOLTAR
ATRÁS TAMBÉM. EU SEI
PEDIR DESCULPAS.”***

Ao longo da conversa, o ator fala de personagens, escolhas, trabalho, exposição e dos caminhos que encontrou para construir uma vida possível dentro e fora da profissão. Há uma recusa constante em transformar qualquer uma dessas experiências em pose ou narrativa pronta. Por isso o vídeo se torna, para ele, o formato mais fiel para essa conversa: diante da câmera, sobra menos espaço para organizar demais a própria história. *“Eu não tenho como romanciar a minha verdade.”*





Quer criar projetos especiais conosco? Estamos sempre abertos a novas ideias, parcerias criativas, branded content e oportunidades de publicidade. Seja para desenvolver conteúdos exclusivos, colaborar em pautas inovadoras ou criar campanhas que conectem marcas e leitores, estamos prontos para ouvir você.

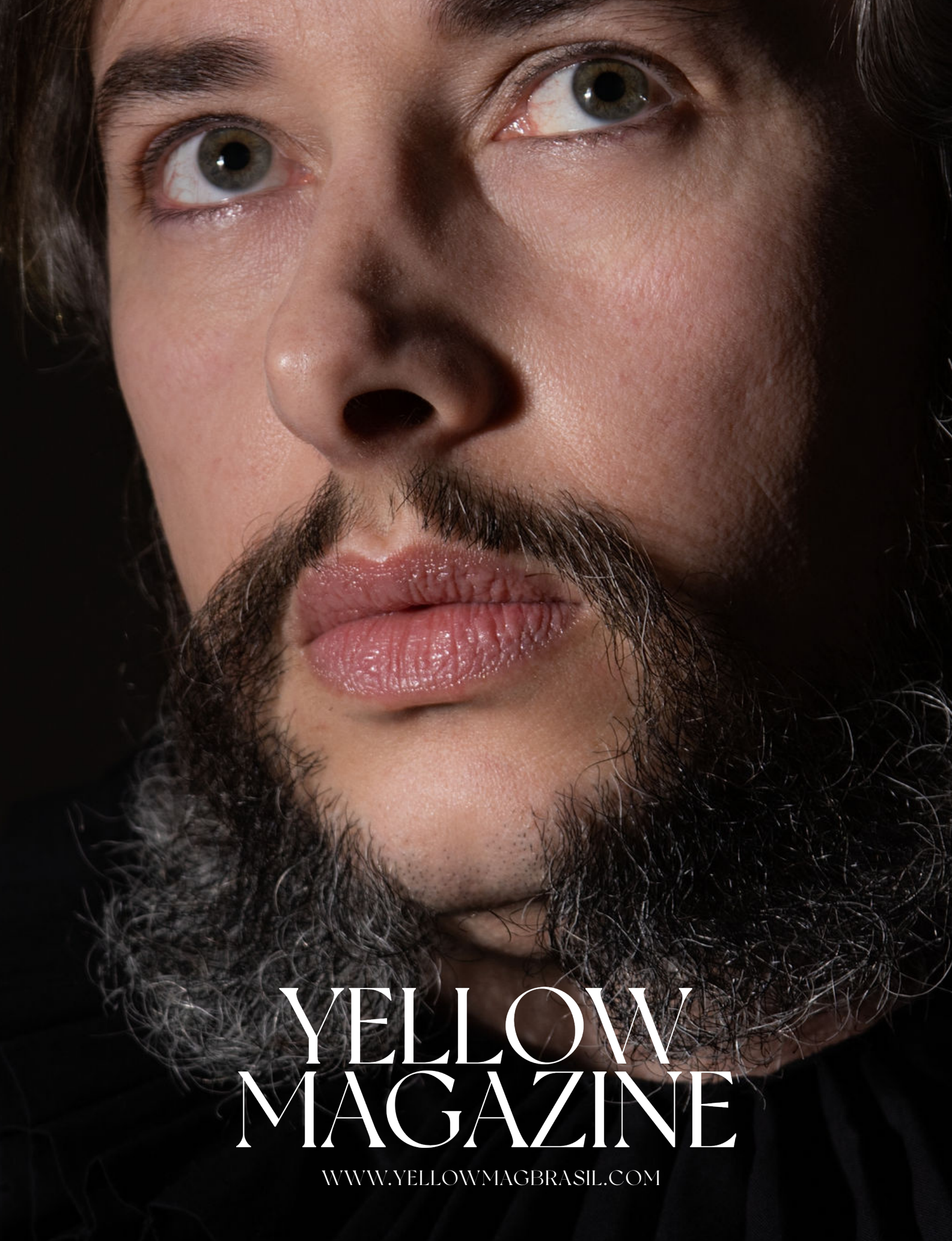
Entre em contato e vamos conversar:

Para Pautas: *contact@yellowmagbrasil.com*

Para Publicidade: *yellowmag@vaideonda.com.br*
www.yellowmagbrasil.com

ESCANEE O QR CODE PARA NOS
ACOMPANHAR NO INSTAGRAM.



A close-up, high-contrast portrait of a man with a full, dark beard and mustache. He has light-colored eyes and is looking directly at the camera with a serious, intense expression. The lighting is dramatic, with strong highlights on his face and deep shadows in the background and under his beard. The overall mood is gritty and artistic.

YELLOW MAGAZINE

WWW.YELLOWMAGBRASIL.COM